

Caminhos cruzados

Teatro de Dança Galpão
1974 - 1981





SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional

Abram Szajman

Diretor Regional

Danilo Santos de Miranda

Conselho Editorial

Ivan Giannini

Joel Naimayer Padula

Luiz Deoclécio Massaro Galina

Sérgio José Battistelli

Edições Sesc São Paulo

Gerente Marcos Lepiscopo

Gerente adjunta Isabel M. M. Alexandre

Coordenação editorial Clívia Ramiro, Cristianne Lameirinha

Produção editorial Juliana Gardim, Rafael Fernandes Cação

Coordenação gráfica Katia Verissimo

Coordenação de comunicação Bruna Zarnoviec Daniel

Caminhos cruzados

Teatro de Dança Galpão
1974 - 1981

Inês Bogéa

edições
Sesc

Assistentes de pesquisa: Marta de Freitas, Ondina Castilho

Cronologia: Inês Bogéa, Acácio Ribeiro Vallim Júnior

Preparação: André Albert

Revisão: Tulio Kawata

Projeto gráfico: Luiz Trigo

B64486c Bogéa, Inês
Caminhos cruzados: teatro de dança galpão: 1974 - 1981 / Inês Bogéa.
– São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014. –
136 p.: il.

ISBN 978-85-7995-141-1

Cronologia

Bibliografia

1. Artes Cênicas. 2. Dança I. Título. II. Subtítulo.

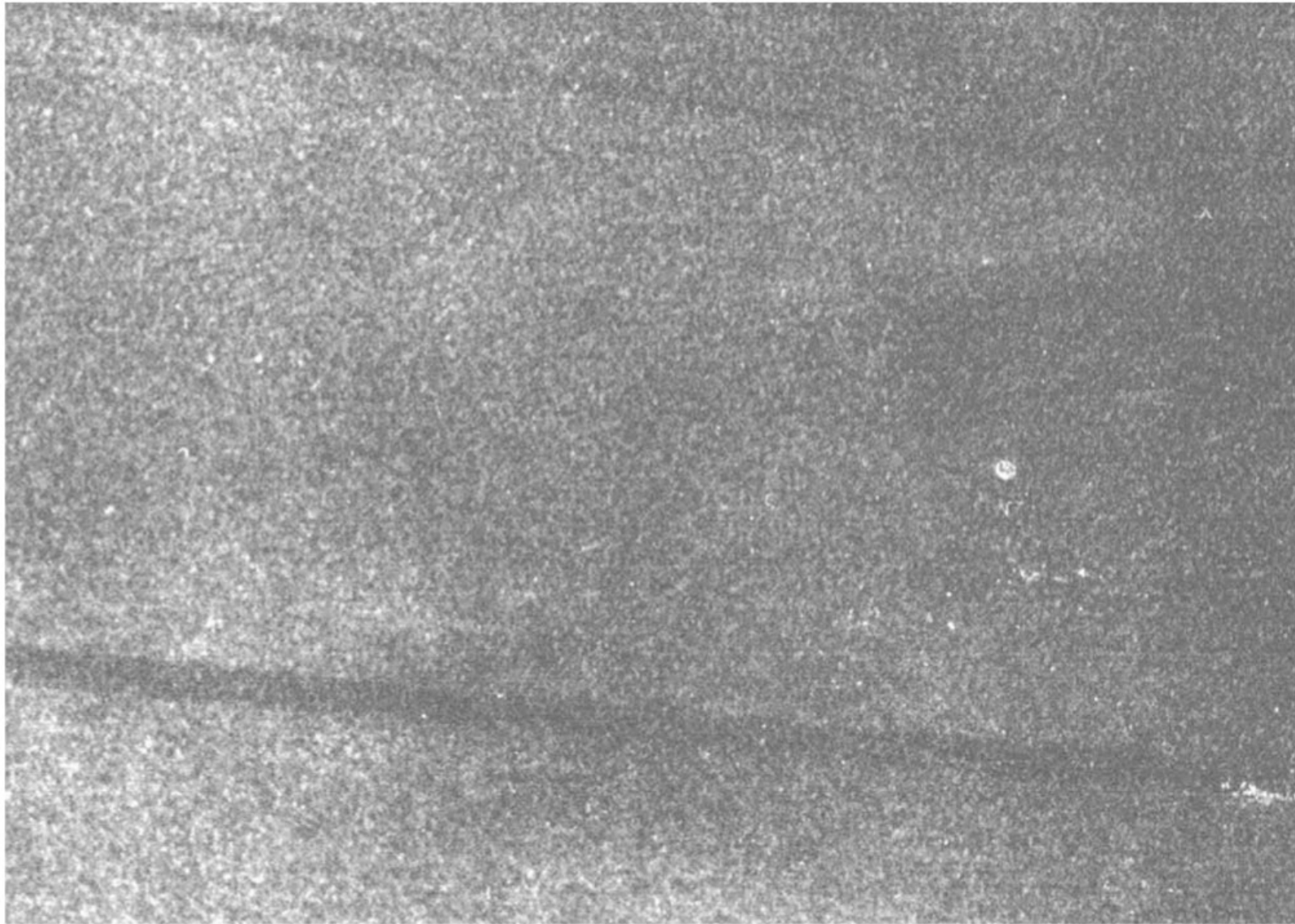
CDD 792

Este livro teve início com a pesquisa decorrente do prêmio no Concurso de Desenvolvimento de Projetos de Pesquisa e Investigação em Dança da Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo, por meio do Programa de Ação Cultural n° 25, de 2006.

Edições Sesc São Paulo
Rua Cantagalo, 74 - 13º/14º andar
03319-000 São Paulo SP Brasil
Tel. 55 11 2227-6500
edicoes@edicoes.sescsp.org.br
sescsp.org.br

Sumário

Um refúgio para os espíritos livres	
Danilo Santos de Miranda	7
Introdução: Caminhos cruzados	9
Ensaio: Teatro de movimento	13
Contexto	14
Conquista do espaço	22
Linguagens do corpo (1975-1976)	30
Próximos passos (1977-1978)	40
Um espaço de tempo (1979)	58
Gesto no espaço	62
Outros desafios (1980-1981)	68
Cronologia	87
Notas	117
Referências bibliográficas	127
Créditos fotográficos	133
Sobre a autora	135



Conquista do espaço



A inauguração oficial do Teatro de Dança, na Sala Galpão do Teatro Ruth Escobar, foi um marco na história da dança brasileira: pela primeira vez o governo determinava um espaço para essa arte¹⁰. O secretário da Cultura, Esportes e Turismo, Pedro de Magalhães Padilha, apoiou a iniciativa da bailarina Marilena Ansaldi – figura central na criação e no desenvolvimento da ideia do Teatro de Dança Galpão – e a convidou para fazer parte do Conselho de Cultura de sua secretaria.

Ansaldi se pôs a procurar um espaço para a dança e decidiu-se pela Sala Galpão, inaugurada em 1966 – “uma estrutura metálica sobre o subterrâneo Teatro Ruth Escobar (ou Sala Gil Vicente)”¹¹, que abriu as portas em 1964.

O teatro fora projetado para um terreno, no bairro do Bixiga, em São Paulo, numa área em que a municipalidade proibia construções teatrais. [...] Para fazer cair esta restrição, o vereador Francisco dos Santos Filho (conhecido como Chico das Cabras) entrou na Câmara dos Vereadores com o projeto de lei nº 155, de 3 de maio de 1961, solicitando permissão para a edificação¹².

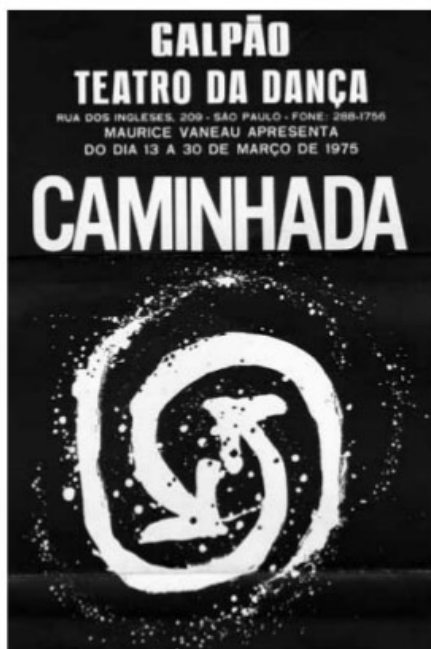
Com o projeto aprovado em setembro de 1961 pela Câmara Municipal, a inauguração do Teatro Ruth Escobar aconteceu no dia 15 de dezembro de 1964, com a montagem de *A ópera dos três vinténs*, de Bertolt Brecht (1898-1956) e Kurt Weill (1900-1950). O espetáculo era dirigido por José Renato, com coreografia de Renée Gumiel, cenografia e figurinos de Flávio Império (1935-1985).

No início, havia apenas a Sala Gil Vicente; depois, o Teatro Ruth Escobar foi se expandindo e novos espaços foram inaugurados.

O primeiro foi a Sala Galpão, aproveitando um espaço ocioso na laje superior do Teatro. Esta sala foi inaugurada em 1966 por Ary Toledo, com seu espetáculo



Interior da Sala Galpão no Teatro Ruth Escobar



Cartaz do espetáculo *Caminhada*

A criação do mundo segundo Ary Toledo, transferido intempestivamente para a Sala Galpão por causa de um incêndio no Teatro Oficina, onde a peça cumpria carreira. Em seguida, em 1967, Ruth Escobar produz em O Galpão *Listrata*, de Aristófanos, com direção de Maurice Vaneau, seguindo-se outras importantes produções que encontraram nesta sala ubiquação adequada, tais como *O versátil Mr. Sloan*, *Roda viva*, *Romeu e Julieta*, *Os monstros*, até a recente *Revista do Henfil*. Outros espetáculos não produzidos por Ruth Escobar também encontraram em O Galpão seu espaço ideal, tais como *Castro Alves*, de Guarnieri, e os espetáculos onde a personalidade da bailarina Marilena Ansaldi emergiu teatralmente: *Isto ou aquilo* e *Um sopro de vida*. Também toda uma geração de pesquisa de dança produziu em O Galpão espetáculos experimentais bastante interessantes, com o patrocínio da Secretaria do Estado da Cultura, Comissão Estadual de Dança. São relevantes os nomes de Ruth Rachou, Juliana Carneiro, Célia Gouvêa, Maurice Vaneau, Ismael Ivo, Ballet Stagium, Sônia Mota [...]¹³.

O teatro Galpão ficou conhecido pela diversidade, como comenta o diretor teatral Marcio Aurelio:

[...] uma turma vinha do balé, outra da ginástica, outra da dança de expressão. A ideia de desconstrução de linguagem, de reorganizar isso em diferentes ideias – pelo uso da colagem, da sobreposição, da justaposição e da intersecção, as artes reconectando esse fios. Começa a surgir outro jeito de produzir a linguagem¹⁴.

Enquanto o Galpão ganhava prestígio como espaço para acolher e provocar novas formas de expressão, foi inaugurado em 1969, no corpo do Teatro Ruth Escobar, uma nova sala: o Teatro do Meio. O espetáculo de estreia foi *O cão siamês*, com texto de Antonio Bivar, atuações de Yolanda Cardoso (1928-2007) e Antônio Fagundes.

A escolha do lugar, segundo Ansaldi, deu-se pela importância do ponto,



Cena de *Caminhada*, estreia
extraoficial do Teatro de Dança Galpão
À frente: Ruth Rachou e Célia Gouvêa

mesmo que o teatro não tivesse condições ideais: “[...] não tinha camarins, faltava água, as coisas não funcionavam a contento, no palco tínhamos [só] luz e gravador. Mas é isso mesmo, a gente tem que trabalhar com esses elementos, se essa é a nossa realidade...”¹⁵.

Embora tenha sido feita uma pequena reforma no Galpão, as condições durante todo esse tempo da dança foram precárias¹⁶. Sua pré-inauguração aconteceu em 5 de dezembro de 1974, com *Caminhada*, da brasileira Célia Gouvêa e do belga Maurice Vaneau (1926-2007)¹⁷.

O espetáculo unia dança e teatro, procurando levar o público a participar de uma experiência em que outros sentidos eram aguçados – a imagem plástica em relação direta com outras informações no palco. Para tal, os artistas utilizavam a improvisação em exercícios de expressão corporal, cuja finalidade era a de provocar



Ruth Rachou em *Caminhada*

algum grau de catarse e de liberação, tanto nos processos quanto no espetáculo. A improvisação estava ancorada na experiência cotidiana, procurando estímulos para ampliar a visão da ocupação do espaço e as possibilidades dos gestos e das palavras. O corpo “fala” e cria o seu próprio texto, as palavras trazem um engajamento emocional e são como catalisadoras da expressão corporal. A comunicação se dá por meio do aparato visual, plástico, sonoro, gestual e dramático, deixando espaço para que o espectador complete a informação.

Nas palavras de Célia Gouvêa:

[...] estava voltando ao Brasil [vinda da Bélgica, onde estudou no Mudra] com um roteiro que queria realizar, e minha primeira questão era: “Onde?”. Procurei a An-saldi, que me disse: “A Secretaria da Cultura aluga um espaço que nunca foi utilizado porque todos acham que não dá, porque é um espaço inutilizável, onde o piso não é bom, mas vai dar uma olhada”. Eu fui e realmente havia problemas com o piso, mas decidi ficar. Ao estrear *Caminhada*, mostrando que o espaço era viável, e era um espaço não convencional, desencadeamos toda uma produção mais voltada à experimentação¹⁸.

A estreia teve boa aceitação crítica. Sábato Magaldi comentava que, em *Caminhada*:

[...] o corpo parece livre para as mais insuspeitadas expressões. Uma pirueta do balé clássico se completa com uma postura cômica, num encadeamento que esconde a possível transição penosa. Assim aberto a infinitas expressões, o corpo ganha uma elasticidade e uma dinâmica especial das mais sugestivas. O espetáculo surpreende pela plasticidade e pela contínua exploração das formas¹⁹.

Por meio dos gestos cotidianos explorados nas improvisações, buscava-se

uma atuação despojada, que acessasse uma inteligência subterrânea, promovendo um contato com as intuições e emoções tanto do criador quanto da plateia e explorando mais profundamente a imagem da cena. Ou seja, trabalhava-se com o intuito de descobrir o melhor gesto, a melhor intensidade, a melhor forma de colocar-se na cena.

Segundo Roberto Trigueirinho:

A noite começa com um espetáculo de teatro, uma quase viagem experimental pelo terreno da música, da percussão, da dança, da acrobacia e da voz. [...] E olhando, sentindo aquela limpidez – uma forma nua –, [...] necessitei passar por um processo de descondicionamento. Tive de romper comigo mesmo, com minha proposta – limitada, diga-se de passagem – de ser crítico da palavra, mais ou menos o que me aconteceu quando senti o impacto de *Life and Time of Dave Clark* (aquela maravilha que Bob Wilson mostrou, em abril, no Municipal)²⁰.

O descondicionamento da plateia vinha ao encontro da procura dos artistas por uma identidade, com base em suas próprias vivências. No espetáculo, de acordo com o programa, o tema da repressão foi abordado de diferentes maneiras nas “três caminhadas”: a primeira, mais psicológica, quase um solo de Célia Gouvêa entre quatro paredes, com suas reflexões, angústias e pesadelos, perseguida por três sombras do inconsciente; na segunda, o grotesco e o cômico ganham espaço pela fragmentação dos textos repetidos e pela caracterização bizarra das personagens; e, na terceira, alusões políticas descrevendo a busca da identidade de um povo, na luta contra a repressão, por meio de gestos que partem do chão em busca de verticalidade.

Para Vaneau, o espetáculo é:

Um teatro espelho das angústias e aspirações do homem e que, tendo assimilado a tecnologia, volta à fonte, às origens mais profundas: à dança, e a partir dela reinventa uma linguagem – esvaziada por tantos anos de comercialização – que se manifesta através de sons, gestos e movimentos, numa experiência, numa *Caminhada*, exuberante e palpitante²¹.

A estreia oficial da Sala Galpão como Teatro de Dança deu-se em 4 de março de 1975²², com o Ballet Stagium dançando *Entrelinhas e D. Maria I, a rainha louca* – sendo esta a única vez em que o grupo se apresentou nesse espaço, apesar de sua estreia com casa lotada de autoridades e artistas. Embora o local tenha sido solicitado pelo grupo outras vezes, a Comissão de Dança, como comenta a diretora Marika Gidali, “achou que o espaço não poderia atender às necessidades técnicas de uma companhia de trânsito internacional”.

Na estreia, o Stagium trouxe uma obra sobre a opressão: *Dona Maria I, a rainha louca*, de Décio Otero. Inspirado no *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, Otero mostrou “[...] ser possível utilizar a dança como agente modificador de mentes e corpos”, e assim “abria-se a janela a uma nova estética”²³. Também o Corpo de Baile Municipal se apresentou no Galpão, em 1975 e 1977, mas companhias como essa, com estruturas mais estáveis, não foram a tônica do lugar. O espaço ficou marcado pela sucessão de pequenos grupos e de novas linguagens – grupos que, algumas vezes, nasceram e desapareceram nesse período, deixando vestígios nos corpos e na dança de seus intérpretes. Dois exemplos são o Casa Forte, dirigido por Edson Claro (1949-2013), com base em seu método

Dança-Educação Física, e o Andança, formado exclusivamente por mulheres.

No Galpão havia cursos gratuitos, com professores pagos pelo governo, além de espetáculos experimentais e debates. Era um centro efervescente de ideias, de grande importância para inúmeros profissionais ainda hoje na ativa.

Susana Yamauchi comenta o espírito do lugar:

O Teatro Galpão era um teatro pequeno. Muita goteira, muita sujeira. Mas ali as pessoas respiravam energia de criação. Eu queria fazer aula de moderno e fui falar com a tal da Sônia Mota, que era superfamosa na época, tinha acabado de chegar da Europa. E ela vinha com ideias e com o espírito totalmente inovador. Nessa época, havia uma separação entre aqueles que têm técnica e aqueles que não têm técnica. Era difícil conseguir gente com técnica e com vontade de fazer coisas diferentes que não estivessem relacionadas àquilo. A Sônia Mota chegou a realmente demonstrar que é completamente possível você ter uma bagagem de conhecimento técnico, cultural e ao mesmo tempo trabalhar uma linguagem completamente popular. E, com Sônia Mota, vieram inúmeras outras pessoas, a Mara Borba, a Ansaldi [...]”²⁴.

O que se vivenciou no Galpão foi mesmo esse desejo de transmitir ideias, acionado pela capacidade corporal dos intérpretes, sempre distante da formalidade por si. Era a história – a história do presente, em tempo real – contada criticamente por meio dos gestos, emoções e intensidades, e exposta ao público como uma troca entre cúmplices.

Sobre a autora

Inês Bogéa é diretora da São Paulo Companhia de Dança, bailarina, documentarista e escritora. Doutora em artes (Unicamp, 2007), é professora no curso de especialização Arte na Educação: Teoria e Prática da Universidade de São Paulo (USP); foi professora no curso de especialização em Linguagens da Arte da Universidade de São Paulo/Maria Antônia (de 2006 a 2012). De 1989 a 2001 foi bailarina do Grupo Corpo (Belo Horizonte). Escreveu crítica de dança para a *Folha de S.Paulo* de 2001 a 2007. É autora de vários livros, entre eles *O livro da dança* (Companhia das Letrinhas, 2002), *Contos do balé* (CosacNaify, 2007), *Outros contos do balé* (CosacNaify, 2012) e organizadora de *Oito ou nove ensaios sobre o Grupo Corpo* (CosacNaify, 2000), *Kazuo Ohno* (CosacNaify, 2003), *Sala de ensaio: textos sobre a São Paulo Companhia de Dança* (Imprensa Oficial, 2010), entre outros. Dirigiu mais de 25 documentários sobre dança, entre eles *Renée Gumiel: a vida na pele* (2005), *Maria Duschenes: o espaço do movimento* (2006) e *Lenira Borges: uma vida para a dança* (2011). Na área de arte-educação, foi consultora da Escola de Teatro e Dança FAFI/ES (2003-2004) e no programa Fábricas de Culturas da Secretaria Estadual de Cultura de São Paulo (2007-2009). Site oficial: www.inesbogea.com.br

Fonte: Bodoni;
Papel: couchê fosco 90g;
Data: 09/2014; Tiragem: 2.000;
Impressão: Cromosete Gráfica e Editora

